



15 de outubro de 2024
A CONCRETUDE DOS LUGARES EM QUE SE ENCARNAM AS RELAÇÕES
(LC 11,37-41)

“O lugar da Igreja sinodal em missão”: o enraizamento eclesial num lugar concreto, num contexto, numa cultura; a relação entre as diferentes pertenças culturais dentro da única Igreja.

É uma questão que já preocupa desde o início as primeiras comunidades cristãs. Os cristãos, no que se refere aos lugares de vida e às culturas, identificaram-se, paradoxalmente, como "estrangeiros residentes" (1 Pd 2,11-12). Se pensarmos nos “lugares/símbolos” das origens evocados nos atos: Jerusalém, Samaria, Antioquia, Jafa, Cesaréia, Filipos, Éfeso... -, surge-nos imediatamente **a dialética que está na raiz**: se **o lugar da Igreja** é sempre um espaço-tempo **concreto** de encontro, o caminho do Evangelho no mundo vai de porta em porta: evita qualquer situação estática, mas também qualquer “santa aliança” com os contextos culturais do tempo. Ele vive ali e é conduzido pelo seu Princípio vital – o Espírito do Senhor – a transcendê-los.

“Não está *aqui*” (Lc 24,6): desde o alvorecer da ressurreição, impulsionado por esta palavra do anjo que sempre empurra para outro lugar, o anúncio do Evangelho é sempre em saída. Aquele “não está aqui” surpreendeu e guiou a Igreja apostólica desde o início às suas escolhas “exodais”: reunir-se no cenáculo a portas fechadas (Atos 1,13) e depois deixá-lo. Frequentar o templo (Atos 2.46; 3.11; 5.12.21.42) e abandoná-lo (Atos 8.1.4). Entrar na casa de Cornélio (At 10,27) e sair dela, levando no coração a surpresa e a pergunta (At 11,16-17). A Palavra do anúncio evangélico atravessa também a ágora e o areópago (At 17,32): **mas** as proporções da cruz de Jesus protegem-na imediatamente de se enredar em culturas idólatras estabelecidas. Na sabedoria alicerçada na dinâmica da auto salvação.

A memória das palavras de Jesus também hoje impulsiona a Igreja a enraizar-se em todos os lugares humanos, mas torna-a vigilante em relação a qualquer homologação. O elemento dinâmico é a Páscoa de Jesus: “ele não está aqui”. Que também em cada lugar do humano deixou as marcas de seu corpo bendito.

Trata-se – como sublinha várias vezes o IL – de “superar uma visão estática dos lugares” (I.L., III, introdução). Dos mais sagrados aos mais populares. Abrir-se à dimensão “reticular” dos lugares de relação através dos quais se articula a vitalidade da Igreja. Assim surge a questão: mas qual é o fio condutor, quais são os nós de ligação desta rede?

Pois bem, penso que o Evangelho de hoje (Lc 11,37-41), ligado à profecia de Isaías que abre o IL, revela uma convergência dialética a este respeito, que nos faz pensar.

Na abertura do IL está a profecia de Isaías (25,6-10): Deus prepara – gratuitamente, a partir de um pequeno remanescente de deportados – **o lugar do banquete universal**. E, por outro lado, o Evangelho de hoje coloca-nos num outro banquete – num dramático contraste: é o convite do fariseu à mesa, símbolo de uma cultura com a qual Jesus aceita entrar em diálogo. Considero esclarecedor o tema proposto - justapor os dois encontros “conviviais”, porque **a diferença ilumina** e ajuda a discernir a autenticidade dos lugares: Deus que prepara um



banquete, e a partir de um “não-lugar” abre o futuro; Deus, que em Jesus, aceita o convite hipócrita e redesenha, por sua conta e risco, o banquete como lugar de relações.

Jesus ama os banquetes

O que surpreende é aquele traço do estilo de Jesus, mestre itinerante, que – sobretudo na história de Lucas – revela-o um amante da comensalidade. Manifesta-se desde o início, com a vocação de Levi (Lc 5,29), e até o fim - no cenáculo, lugar da entrega final: “Desejei imensamente comer convosco” (Lc 22,14).

Para Jesus, a mesa da refeição humana é um “Lugar” de encontro ao longo do caminho e um lugar arriscado de verdade. A ponto de constituir para ele - pelo estilo de reunião e para os convidados - uma acusação: “Veio o Filho do homem, comendo e bebendo, e dizeis: “Aqui está um comilão e um beerrão, amigo de publicanos e pecadores!” (Lucas 7,34).

Refeição: lugar do humano, onde a itinerância, constitutiva do anúncio, encontra uma paragem necessária; onde os relacionamentos criam raízes; um “lugar” altamente simbólico **onde a fome é exposta e partilhada a partir de baixo** – mas também um lugar onde as hipocrisias escondidas vêm à luz.

“Lugar” para Jesus é onde quer que o homem sofra – e manifeste, e compartilhe – fome. A necessidade cria espaço para relacionamentos humanos que não são em vão – com o outro, amigo ou inimigo, santo ou pecador. Ali o Evangelho pode ser proclamado em verdade. A Igreja sinodal é desafiada – sempre – a redescobrir estes lugares.

Perto, "perigosamente" próximo - o Senhor da vida e de todos os "outros", germe da Igreja - na necessidade elementar de comer para viver. Neste lugar radical do humano, Jesus inaugura a relação geradora, o lugar para falar de Deus. Por acaso não é o Abbá, Aquele que “dá alimento a todos os seres vivos, porque o seu amor dura para sempre” (Sl 136,25)? Até ao banquete final, Jesus procura o lugar para dizer Deus: “Desejei comer convosco” (Lc 22,15). Não é um traço episódico, mas uma linha dinâmica do estilo de Jesus.

Mas hoje – no Evangelho – Jesus, convidado à refeição pelo fariseu, realça, de forma irredutível, **a diferença** do lugar “preparado pelo Senhor” (Is 25,6), face aos banquetes inspirados na lógica mercenária, aos protagonismos que aproveitam de ‘eu preciso sempre mais’. Lugares muito mais presentes nas culturas contemporâneas. O próprio Lucas, o evangelista “*mansuetudinis Christi*”, descreve aqui um Jesus mordaz, rude e inóspito. Como os antigos profetas, nesta refeição, Jesus manifesta claramente a intenção de quebrar, de abalar as consciências para um desafio novo e radical a uma cultura, a um sistema religioso. Para assim chegar a uma ética de interioridade e autenticidade e rejeitar qualquer ritualismo vão.

Mesmo quando algo parece **expor à falência** o desejo convivial que empurra Jesus a aceitar o convite de todos, na verdade Ele reverte a proposta de seu convidado (Lc 11,40), e anuncia um novo convívio, baseado no Dom: “Dê antes como esmola o que está dentro, e eis que tudo o mais será puro (Lucas 11,41). Aqui está o novo “lugar” de convívio, a redenção de toda hipocrisia. Onde o outro é acolhido em sua necessidade sob o sinal da dádiva. Como no texto de Isaías, o Evangelho de hoje nos convoca aos lugares de conversão sinodal da Igreja. A convocação apresenta-se antes de tudo como uma pergunta: “Quando vocês se reúnem, o que



fazem?”, qual a proximidade, qual véu é removido, qual manta é rasgada (cf. 1Cor 11,20)? Uma pergunta que desta assembleia repercute na celebração, na busca de encontrar os lugares do humano – das culturas, da fragilidade, da esperança persistente.

A denúncia de Jesus coloca em evidência de maneira clara e crua, um discernimento de todos os aspectos humanos: a duplicidade do coração contradiz radicalmente o convívio das diferenças. O diálogo com as culturas envolve discernimentos arriscados. Pouco aplaudidos. Denuncia qualquer escotomização entre aparência e interioridade. Entre o público e o privado. Entre indivíduo e comunidade. Estas esquizofrenias estão na origem da loucura generalizada que sufoca no mundo de hoje a busca de enraizar o anúncio do Evangelho nos lugares da vida. São falsos convívios, deixando espaço para a hipocrisia que tanto desmotiva as novas gerações. Procurando no tecido humano os lugares onde o Evangelho é anunciado, é necessário dissociar-nos da vaidade da sabedoria que impõe o conformismo mediático e os procedimentos – “observâncias” - vazios. O achatamento das culturas da aparência, que não nos satisfazem, antes nos matam de fome. E que esgotam as novas gerações. Não é à toa que muitos jovens insatisfeitos, e que abandonam a vida eclesial e a liturgia nos questionam (Paola Bignardi..).

O estilo de Deus, simbolizado *escatologicamente* no texto de Isaías que abre o IL e, *paradoxalmente*, no Evangelho de hoje, impulsionam com força o caminho sinodal. No concreto do contexto histórico em que vivemos e sofremos, obscurecidos por uma violência cega e por tão dolorosa estranheza, o Evangelho dá-nos critérios para reunir 'além' do mundo da "lei" (dos procedimentos), ou dos compromissos - entendido como autojustificativa. A “preparação” do banquete revelada em Jesus faz-nos pensar.

O lugar original de encontro, para Jesus, é a **interioridade regenerada**, que tem o poder de convocar muitos: “Dê o que está dentro de você como um dom e tudo o mais será purificado dentro de você”. Interioridade, um “lugar” hoje largamente desconsiderado pelas culturas dominantes; mas prioridade para o convívio sinodal. Para encontrar verdadeiramente os lugares do humano.

O povo da Sagrada Escritura aprendeu esta arte da maneira mais difícil, na própria pele. No texto de Isaías, a abjeção do exílio, na dispersão entre os povos, abriu horizontes novos e elevados. Deus, o Vivente, o Santo que sai do templo, vai para o exílio, habitando como no início debaixo de uma tenda, com o pequeno resto, e precisamente assim - perto da fome dos seus pobres - reúne de modo ecumênico. E, na plenitude dos tempos, Jesus completa a obra profética com o seu convívio arriscado.

Talvez hoje se trate de redescobrir a fecundidade dos lugares onde partilhar a fome e a humilde e tenaz esperança. Laços de partilha confiante, harmonia entre buscadores de fraternidade. Uma Betânia sempre prepara e prefigura o Cenáculo. Jesus – que não tinha onde reclinar a cabeça, mas gostava dos banquetes – ainda hoje nos mostra os vestígios. Que o seu Espírito nos leve a recomençar a partir daí. Para que assim todos possam usufruir da mesa onde podem aproveitar e transmitir aos outros o Dom que nos dá.